

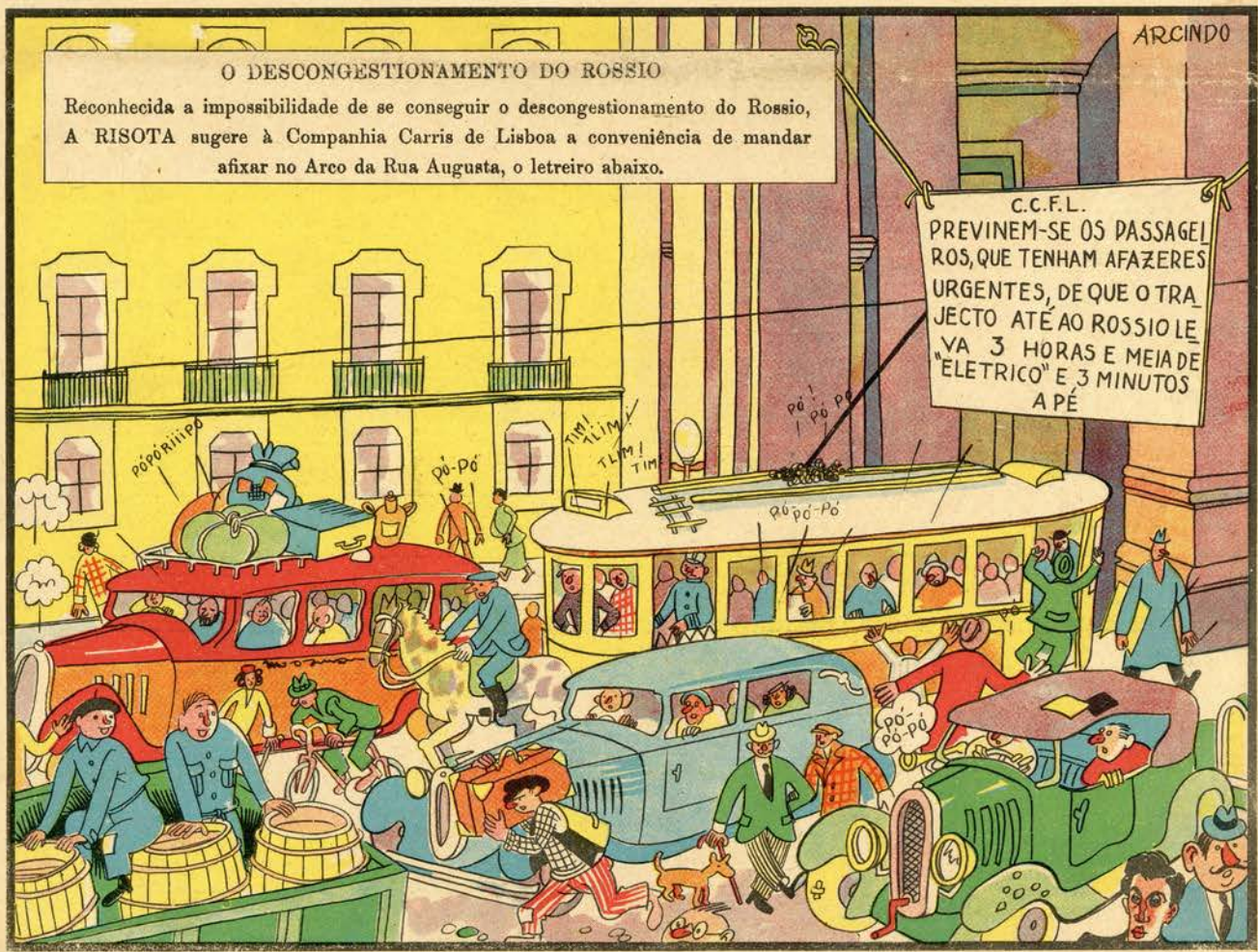
DEPÓSITO
1º ABR 1939



A RISOTA

Semanário humorístico
Director: Augusto de Santa-Rita

ANO I NÚMERO 1	Editor: FRANCISCO DE ABREU JUNIOR Propriedade da Livraria Bertrand, S. A. - Rua Garrett, 73, 75 Redacção e Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º - Telefones 20535-20536 Composto e Impresso na Lit. Tejo - Rua das Taipas, 18	PREÇO 1\$50
-------------------	--	----------------



★ Sinfonia de abertura ★

A Risota, semandrio humorístico, trincheira da grande tourada que é a Vida, refúgio de todas as marradas da Adversidade, refrigerio para todas as estopadas e contratempos que surgem constantemente, aparece hoje, pela primeira vez, confiada no bom acolhimento do público, dado o seu objectivo benemérito de lhe aliviar o pesado fardo da existência com uma dose de bom humor, que é a melhor couraça contra todos os dissabores ou aborrecimentos; haja em vista o velho prolóquio: — «Tristezas não pagam dívidas!».

Estamos absolutamente convencidos de que a Risota virá a conseguir uma grande popularidade, a conquistar a aura indispensável ao seu triunfo — (sem piada à ilustre e simpática actriz Aura Abranches), e a reatar o fio da tradicional graça portuguesa, cuja função consiste em escalar, dissecando-as, todas as fibras do nosso «meio» social.

Ridendo castigat mores — eis a nossa divisa. Não nos inspira, todavia, o propósito de melindrar seja quem for; queremos apenas fazer rebrantar os costumes, e ilhosos respectivos, de todos os barrigudos comilões, cujas calças caíam sobre um par de botas de alústico, fargando-as rir a bandeiras desprezadas, ao verem o arqui-ro no olho do vizinho.

Nesta Hora de renascimento — (sem piada ao distinto actor Nascimento Fernandes) — justifica-se o aparecimento de a Risota, que vai tentar extin-

guir, de vez, aquela enxada e vil tristeza que já ao nosso épico causava engulhos e que prometia afogar num mar de lama — sem insinuação às ruas do Bairro Alto) — o tradicional bom humor português.

O semandrio a risota vai tornar-se uma espécie de enfermeiro, de seringa em punho, sringando a torto e a direito, pronto a dar uma série de injeções de optimismo nas veias da Nação, galvanizando-a numa emissão de energias capitais — (sem piada ao sr. capitão Henrique Galvão ou à Emissora Nacional).

Todos os senhores Pires, Soisas e Possidórios da Rua dos Fanqueiros e todas as donas Micas, das Avenidas Novas — (sem alusão a determinadas pessoas), desfilarão através das páginas de a Risota, num imponente cortejo alegórico, — (sem piada ao simpático e dinâmico sr. Leitão de Barros, realizador, «metteur-en-scene», assistente, jornalista, pintor, autor, actor, professor, aluno, expectador, transeunte, etc., etc.)

Para esta obra de saneamento moral, contamos apenas com o bom acolhimento do público e com os recursos terapêuticos desse tradicional bom humor que já fez estoirar de riso a célebre Maria Rita, uma das figuras mais representativas desta raça privilegiada, que bem merecia ser incluída na lista dos candidatos ao bem bustos, — (sem piada ao ilustre diplomata Dr. Alberto de Oliveira, a quem se deve tão genial e piramidal alvitre.

ACOCA



Estar à coca é dos termos da lingua portuguesa que melhor se ajusta à expectativa permanente em que se encontra a maioria dos portugueses duma cana, principalmente os alfacinhas da gema.

E' vê-los à porta da Havaneza do Chiodo, à coca das beldades que passam. E' vê-los à porta dos Ministérios à coca duma cunha para a obtenção dum lugarzinho à sombra, até que possam gozar umas férias num lugar ao sol. E' vê-los nas redacções dos jornais onde, com tão abnegada, ou simplesmente negada, isenção, se exerce a critica teatral, à coca duma borla para teatro ou cinema.

E' vê-los nos carros eléctricos à coca do revisor, quando o respectivo condutor se esquece de cortar o bilhete, prontos a esgueirarem-se airosoamente em salvaguarda aos setenta e cinco centavos, galdada e dada, por esquecimento, a paragem-zona.

E' vê-los, no péssimo costume, agora em uso nos ardinhas, à coca dos jornais já lidos, para serem vendidos em segunda mão.

E' vê-los à coca dum amigo, — providencial encontro, — que lhes empreste, até ao dia S. Nunca, vinte escudos, porque: — «imagine você, esqueceu-me a carteira em casa!...» — E' vê-los à coca duma oportunidade para dizerem mal da «situação», para lançarem um boato falso, para largarem, como viboras, o venozinho que trazem na ponta da lingua.

Quando acabará este costume de estar à coca?

A saúde a trêco de um quarto de hora de exercicio por dia

O MEU SISTEMA

por J. P. MULLER

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoável, mais pratico e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

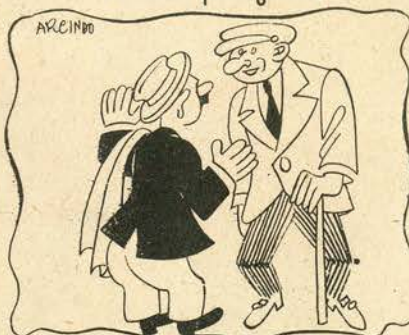
EFICAZ e BENE-MÉRITO

Verdadeira fonte de saúde e bem estar físicos e morais

1 vol. de formato de 15x23, de 126 págs., com 119 grav. explicativas, broc. 2.500; encad. 1.500

Livraria Bertrand-R. Garrett, 73-Lisboa

As fitas portuguesas



— «Qual é a tua opinião acerca das fitas portuguesas?»

— «Que há sempre o fito duma bela foto mas que, a-pesar disso, a fita sai quasi sempre um fito».

DICIONARIO PITORESCO

POR TAÇO.

Proémio

Um Dicionário parece-se sempre com um Bólo-Rei: — tem que ter proémio. O que vale é que, tratando-se neste caso de um *Dicionário Pitoresco*, — escusa o autor de pensar num proémio literário.

Temos abundantes dicionaristas. O mais conhecido é Candido de Figueiredo; mas, como era realmente Candido, acreditava que as palavras são, na verdade, aquilo que dizem ser, e não lhes dava muitos sentidos mais ou menos duplos que elas costumam ter. Outro dicionarista é Constancio; mas também não ia lá, dada a manifesta inconstância da semântica. Devemos ainda citar Moraes; a verdade, porém, é que nem todas as palavras são morais, ou o são sempre; Demóstenes dizia que a moralidade é apenas uma oralidade começada por *m* (era assim que em grego se dizia *palavriado*). Também nos parece escusado falar no Dicionário Contemporâneo, do qual a nossa geração só conheceu a viuva, e também já defunta, *Contemporânea*. E menos viria a propósito falar em qualquer dicionário português-francês, que é o mais inútil de todos; todas as pessoas «bem» falam espontaneamente português francês.

Além dos Dicionários ha vários manuais, (ou obras quejandas, em estilo manualino) como os vocabulários a que recorrem os cábulas, e os prontuários ortográficos mandados fazer pela familia no dia em que a ortografia ficou pronta.

E' evidente que falta, e faz falta, um Dicionário de outro género. Tomemos por exemplo uma bota. Qualquer dicionário dirá que é um artefacto de sapateiro destinado a calçar a extremidade de um membro inferior; mas nenhum deles diz que bota é também à Itália, especialmente no Mediterrâneo; nenhum refere que certos negócios mirabolantes são também valentíssimas botas. Quer dizer, os Dicionários não dão bota no sentido alegre, vivo, humano, que a palavra pode ter; — só costumam dar bota no sentido linguístico.

Propomo-nos suprir essa lacuna. E este rápido proémio esclarece muito bastante o nosso propósito. Não é preciso, a seguir a elle, roubar as atribuições do Sr. Leitão de Barros, fazendo aqui o Cortejo Histórico das Abreviaturas. Nós não abreviamos nada, a não ser o proémio. Quanto à menção das fontes a que recorremos, somos como a Margarida, a Margarida que vivia sem fausto na casa dela; — vamos à fonte única da nossa imaginação. Mas aceitamos colaboradores, publicando e aproveitando todas as definições sugestivas que nos mandarem, se forem verdadeiramente autorizadas; isto é, se vierem de «borla», ainda que lhes tenha caído o capêlo. Também respigaremos onde pudermos qualquer definição que nos pareça curiosa; — a originalidade, segundo o conceito de alguns dos nossos revisteiros, é uma grande respiga.

Definidos estes principios basilares, assim chamados por serem os do Primo Basilio, parece-nos que o melhor é começar o Dicionário, antes que chova.

A — Importante vogal da Direcção de Alfabeto & Ca. Terminação feminina. Artigo muito usado. Contração involuntária de artigo de jornal e preposição estratégica. Pode ser maiúscula ou minúscula. Nos processos forenses o **A**, designa o Autor, porque os advogados já lhe levaram o resto.

Aal — Figura nos dicionários como árvore terebintica; era mais leal dizerem que não sabem o que é.

Anta — Canôa brasileira sem corda; por falta de corda é que ela não anta nem desata.

Aba — Prolongamento pela parte de baixo que existe sobretudo nas serras e no chapêu de côco.

Abacato — Fruto duma árvore brasileira chamada abacatita. Vem em latas e é muito bom para ornamentar chapêus de senhora.

Abacaxi — Fruto do Abacaxeiro. Espécie de ananaz ao contrário.

Abacoiar — Em forma de bacía.

Abacoiar — Enterrar provisoriamente a raiz. É transitivo. Designa com frequência a mulher do Bacelar.

Abaceto — Género de animais a que os zoólogos chamam pentâmeros, sem elles terem culpa nenhuma.

Abaco — Parte de cima do capitel; muito floreada pelos architectos que já são capitelistas.

Abada — É a fêmea do rinoceronte, mas elle não sabe.

Abade — Sacerdote nutrido que se alimenta com profusão.

Abadim — Restaurante muito feio onde se gerou o Tenro Eden.

Abadido — O único vinho que não se constipa.

Abafar — Impedir que as pessoas saibam. (Oh ilusão!)

Continua no próximo número

O diabo à

Dizem que é o povo que faz a língua. Pelos menos a *língua de palmo e meio* é uma das especialidades das regateiras. A minha cozinheira é, também, mestra em língua de porco. A língua idioma é que me custa a crer que seja feita pelo povo, a avaliar pelo final duma conversa que ontem, por acaso, ouvi, ao passar numa das ruas da Baixa. Dizia uma sopeira gorda para uma colega magra, naturalmente referindo-se à patroa:

— «Eu, se fôsse vocemecê, dizia-le... E numa grande insistência:— Ah, isso é que eu le dizia! Dizia-le, dizia-le, dizia-le!...»



Segundo a última moda parisiense, as senhoras vão passar a usar no cocuruto das cabeças lâmpadas eléctricas. Tais luminárias parecem-nos um contra-senso, pois pode dar ocasiões a alguns curtos circuitos ou choques eléctricos. A moda das luminárias deve pegar, porque a sujeição aos seus ditames tem-se verificado sempre. Mas com que direito se insurgirá uma dessas elegantes se, ao aparecer nos de lâmpada Philips no touço, lhe chamarmos pateta das luminárias?



Há dias uma criança de oito anos, folheando uma revista estrangeira e deparando uma gravura que representava um grupo de pessoas com máscaras antigas enfiadas nas cabeças, perguntou ingénua-

mente: — «Que bicho é este, Avózinha?» A avó, pessoa inteligente e sensata, limitou-se a responder: — «E' o bicho mais feroz da criação. Um dia saberás o seu nome.»



Noticiaram os jornais, através dos seus correspondentes brasileiros, que uma jovem de 96 anos, casada com um mocetão de 98, deu à luz, duma acentada, dois robustos bebés.

Recomendamos toda a atenção para este caso, à ilustre Comissão Nacional do Duplo Centenário.



Na berra

?...?

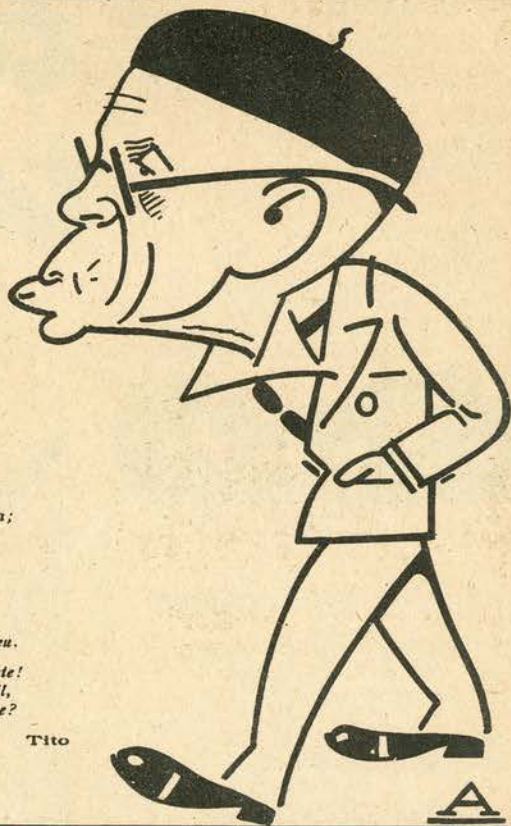
De côto nada tem este Coutinho e de gago inda menos; pois, se fala, dá gosto ouvi-lo; a sua voz embala e é sempre moço embora já velhinho.

Nunca usou guarda-chuva nem bengala; nem, sobretudo, o sobretudoozinho que nós usamos e ao boné de pala prefere a boina do país vizinho.

Prefere à Terra a vastidão do Céu! E' português mas tem pelo Brasil tanto amor como à Terra em que nasceu.

Há muito inda a esperar d'este almirante! Se quem um cesto faz, faz cem, faz mil, que diz: r de quem fez um bom sextante?

Tito



Ao microfone de um dos nossos malfadados postos emissores, uma conhecida escritora, que dirige uma «Meia hora feminina», a meio de uma das suas habituais palestras, aconselhando as rádio-ouvintes a juntarem todos os trapinhos que tivessem em casa, para com eles executarem vistosas côlchas, almofadas, tapetes, etc., dizia, profundamente convencida:

TRÁFICO INFANTIL

Continua a ser exercido escandalosamente o comércio de crianças entre pais desnaturados e saltimbancos desalmados. Relataram recentemente os jornais que uma inocentíssima criança havia sido vendida a um indecentíssimo matulão por uma certa quantia, que ia sendo cobrada, mensalmente, em doze partes iguais. Não se pôr cõbro imediato a tão escandaloso e revoltante tráfico, ainda acabaremos por assistir ao pouco edificante costume de se anunciar publicamente crianças, sob a seguinte rubrica: — «Criança;— vende-se a prestações, com bõnus na lotaria».



— «Sim, minhas prezadas auditoras, juntei todos estes trapinhos, pois tôdas vós tendes, com certeza, trouxas em casa, trouxas que são, por vezes, de grande utilidade.»

Uma auditora, que a estava ouvindo, volta-se subitamente para o marido e diz-lhe, acariciando-lhe a carequinha:— «Olha, meu Amor, isto agora é contigo.»

Diabrete

LIVROS

A LIVRARIA BERTRAND, a mais antiga do País, R. Garrett, 73-75-Lisboa, remete pelo correlo, à cobrança, todos os livros que lhe sejam pedidos, nacionais ou estrangeiros. Remete-se Catálogo, grátis.

A VERDADEIRA HISTÓRIA E VIDA DA

SEVERA

(Mãe Severa Onofriana)

por Júlio de Sousa Costa

1820-1846

Apostamentos e notícias para a sua história—Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, can-tadeira e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da «Severa» — Doença e morte — Valor comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, Eoo. 8.500, pelo correlo à cobrança, Eoo. 8.550

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

por Fernando Perfeito de Magalhães

Com um prefácio do Prof. Dr. Agostinho de Campos 1 vol. com muitas gravuras, algumas a cores, representando projectos de construção de moradias, etc., broc. Eoo. 10.800

Pelo correlo à cobrança Eoo. 11.850

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—Rua Garrett, 73—LISBOA

A RISOTA

No próximo número publicará desenhos de

Leal da Câmara
Zeco
Hugo
Arcindo,
Amarelhe, etc.

e texto de

Cardoso Marta
Tomaz Ribeiro Colaço - Taço
Luiz de Oliveira Guimarães
Castelo de Moraes
Anibal Nazaré, etc.



Remédio para o sangue

*Dizem todos os sábios deste mundo
Que o amor, quando é profundo,
Não olha a sangue nem raça.
Boa? Má? A teoria é de hoje
Mas se alguém a ela foge
Vem pelo ar a desgraça.*

*Aqui há tempos, contam os jornais,
Um perfeito rapaz transaliano,
Pedida a licença aos Pais,
Foi dar um giro a Paris.*

*Andou lá por onde quis.
Foi ao Bosque, ao Eliseu
A Passy, a Bougival,
Foi à zona suburbana...
E ele, que no „Metro“ se não perdeu,
Veiu perder-se, afinal,
Nos olhos duma cigana!
Tomou o caso aspecto conjugal
Mas surgiu logo a barreira:
O rapaz é ariano,
E não permite o código cigano
Misturas doutra sangüeira!...*

*Consultados os velhos sobre o drama,
Apoz rudes e graves discussões,
O cigano mais velho achou a trama
que, dentro da velha lei,
Podia, sem escândalos da grei,
unir os dois corações.
E disse o velho com os seus botões:
— «No mundo, não há que ver,
Tudo é comprar e vender...»*

*Mas, para não surgir burla nem lôgro,
Nesta mistura gipso-ariana
(que traz os grandes homens meio tontos)
A tribu recebeu quarenta contos,
O rapaz comprou a cigana
E ficou mais cigano do que o sogro!*

Dêste negócio gentil
Surge um preceito moral:
P'ra curar o sangue vil
Não há como o vil metal.

K. von Tene

CONTOS
LARGOS

Uma noite mal passada

NÃO é que me desagradem o movimento, o bulício a estrepitosa alegria dos bailes de Carnaval; mas sou muito tímido... De uma timidez excessiva e doentia, a que devo grande percentagem dos dissabores adquiridos em trinta e dois anos desta coisa a que é costume chamar-se Vida e que, sem ofensa para os manes de Epifânios e Figueiredos, ousou considerar vocábulo de nublada origem, formado, quanto a mim, pelas iniciais das quatro palavras seguintes: *Valente imposição dum albarda...*

Depois, eu nunca aprendi a dançar... Porém, não suponha o piíssimo leitor que o meu total desconhecimento das leis que regem a arte sublimada de Terpsicore, se deve a uma questão de escrúpulos, como o outro que considerava a dança «uma pouca vergonha por música»...

Eu nunca aprendi a dançar porque sempre me senti desprovido dessa vocação especial e imprescindível, que leva um indivíduo, na aparência correcta e bem educado, a pedir á senhorita que momentos antes lhe foi apresentada, com o ar mais natural deste mundo: — «V. Ex.ª dá-me a honra?...

Por isso, declino todos os convites para esse género de divertimento, e prefiro passar as noites de Entrudo no meu quarto independente, em casa da Dona Eulália, ex-viúva com alguns cabedais, que, mal surge «a madrugada aurora» de encardidas unhas do primeiro dia consagrado a El-Rei Momo, desaparece de casa para só voltar em quarta-feira de cinzas, deixando-me privado de toda a assistência doméstica, e forçando-me a executar por minhas mãos os serviços menos próprios da minha categoria e do meu sexo... Mas, enfim, são apenas quatro dias no

ano, e é tão difícil encontrar uma dona de casa que não precise do dinheiro dos quartos para pagar a renda...

Ora, foi precisamente na terça-feira, que o Mendonça, antigo condiscipulo do liceu, teve a infeliz ideia de me arrancar



da solidão que eu próprio buscara, para me levar consigo a bordo dum barco estrangeiro, para cujo baile, — coisa espantante, segundo augurava, — conseguira arranjar dois convites.

Em vão, para me esquivar, lhe apresentei os mais bem urdidos argumentos

(Continua na página 6)



Sua Ex.^a



O Sr. Dr. Ramada Curto

A ENTREVISTA DA SEMANA

NO dia seguinte á *première* do *Caso do dia*, Ramada Curto mandou comprar todos os jornais da manhã para ter as impressões críticas á cêrca da sua peça. Fechou-se no escritório e começou interessado a lê-los, um a um. Não havia uma opinião em contrário: a peça era uma obra-prima. E quando já Ramada sôbre aquela montanha de papel saboreava o seu triunfo, abriu-se a porta e a criada — uma velha criada de Ramada — entrou com o correio. Inesperadamente, ao retirar-se, o autor da *Recompensa* chamou-a e perguntou-lhe, apontando todos os jornais desdobrados á sua volta:

— Vês estes jornais? Todos êles dizem que eu tenho talento. Que te parece, Maria?

A velha criada pensou um momento, abanou a cabeça e respondeu numa vaga incompreensão:

— Deixe-os falar, senhor doutor. São intrigas da política...

Todos nós conhecemos mais ou menos o papel, sem dúvida inglório, que, com frequência, a intriga desempenha na vida política, mas havemos de concordar que, poucas vezes, como desta vez—segundo evidentemente a opinião simplista da criada de Ramada Curto—essa intriga se terá manifestado paradoxalmente num sentido tão útil e tão oportuno. De resto, eu creio que o talento de Ramada é um fenómeno indiscutível. Pode aparecer-nos sob os aspectos mais inesperados—de pijama, de toga, de casaca, de fralda ou de sobretudo de honra—mas, em todo o caso, nessa variedade de indumentária verdadeiramente simbólica, reside a mais irrefutável prova da sua existência. Logo ao primeiro instante, ás primeiras palavras, adivinha-se, sente-se, palpa-se — espiritualmente é claro — que Ramada é alguém. Marca uma individualidade. Constitui uma afirmação. E, entretanto, não há pessoa mais simples, mais comunicativa, mais acolhedora, mais «tu cá, tu lá», mais desprendida dêsse desdém olimpico que caracteriza, tantas vezes, os homens eminentes e até — pobres rãs da fábula! — muitos que estão infinitamente longe de o sêr. A sua singeleza é ainda talento; o seu sorriso — é sempre triunfo.

— Chut! Quietos. Um momento... Já está!

É apanhado ao descer o Chiado, mesmo defronte da *Bertrand*, Ramada teve de se deixar fotografar, colhido de surpresa pela mais indiscreta das objectivas, que é, sem dúvida, a dos entrevistadores profissionais.

— O que pensa da política?

— O mesmo que penso do amor: que é excelente para os apaixonados.

E Ramada sorriu, na certeza de que não era precisamente essa a resposta que eu desejava. Vinguei-me desde logo fazendo-lhe outra pergunta mais séria ainda:

— Que lhe parece, a guerra será inevitável?

— Ah! meu amigo: pode-se evitar um espirro? Pois a guerra é o grande espirro

das nações. Quando menos se espera, aí estão elas a espirrar. De resto a política internacional está bastante constipada. E, veja lá, quantos mais eixos se formam á sua volta, mais ela anda fóra dos eixos... Quere que lhe diga? Eu, em matéria internacional, estou com o provérbio polaco: a serpente enganou Eva em italiano, Eva enganou Adão em francês, Deus amaldi-



ciou os dois em alemão e o Anjo expulsou-os do Paraíso em inglês

Ri-me. Defronte de nós passava, num formigueiro, o Chiado feminino das cinco horas, já num vago claro de Primavera.

— Há mulheres bonitas em Lisboa, não há?

Um minuto de silêncio. E logo Ramada: — Gosta de frango com ervilhas? Eu, imenso. Só lhe digo que as mulheres são ainda mais apetitosas... Ah! meu velho: uma perninha com umas ervilhas, tudo muito bem temperado, é um manjar de deuses...

— Não sabia que preferia as mulheres com ervilhas?

— Perdão... Eu estava a falar dos frangos...

Ri-me novamente. Conversar com Ramada é uma esplêndida cura para o fígado. Porque não há-de êle vender as suas *blagues*, as suas anedotas; os seus ditos de espirito em comprimidos para os hepáticos? Perguntei-lhe. Respondeu-me:

— Não, isso não. Dar em droga, nunca: E de teatro?

— Uma grande surpresa. Estou a escrever uma revista com um amigo meu... Molière dá, enfim, abraço a Offenbach... Se formos felizes continuaremos: revistas, operetas, eu sei lá...

E despedindo-se de mim:

— Teatro shakspeareano, enfim! — Que grande rábula esse Hamlet! — Claro, shakspeareano — com *girls*... Senão, não pega...

Luis d'Oliveira Guimarães



A Receita do "Chauffeur"

A Crítica,

Umaz vezes paraltica,
Outras fadista e saltona,
Vem, de quando em onde, á feira;
Emprega a faca e a rastrira
E prega a sua tapona!

A Crítica é profissão.
Tem uma séde e estatutos
Como qualquer gualha-pão.
Tem poderes absolutos
De gabar ou maldizer
Mas tem uma obrigação:
— Ler.

Se por acaso não lê
(E o caso não é milagre)
Nesta terra abençoada.
Acontece o que se vê.
Vai p'ra casa, desasada,
Por compressas de vinagre.
Ou, então, o criticado
Cala-se e fica roubido.

Em virtude dum caso bem recente,
Em que a Crítica disse mal sem ler,
Certo magnate influente
Em coisas de legislar,
Assim falou do dom de maldizer,
Com um certo escritor a conversar:

« Isto não pode assim continuar!
« Quem faz um livro, faz um edificio.
« Escrever é construir.
« Escrever é profissão.
« Separar o que é bom do que é nocivo
« Implica exame e leitura.
« Sem os dois, criticar
« É maldade ou é loucura!
« Não se pode consentir
« Que, em Estado Corporativo,
« O officio mate o officio,
« Pelo simples prazer da destruição,
« Pelo mau gosto de matar à mingua!
« Este vicio da má-lingua
« Precisa freio e brido! »

E lá seguiram ambos conversando
Sem acharem remédio para o mal.

O «chauffeur» do magnate, ouvira tudo
e ficou a ruminar
Naquelle caso bicudo.

Rumtnou, rumtnou e, por fim, disse:
Pode muito bem ser uma tolice

Isto que estou a pensar
Mas, no lugar deles, eu cá fazia
O mesmo que nos faz qualquer agente
Quando acontece avaria
E há qualquer acidente
Por não quermos travar
Ou irmos fóra da mão.
E' uma consolação:

Tira-nos logo a carta de guiar!

João Zero

A BOLA É REDONDA



Ao iniciarmos esta secção de «A Risota desportiva», assiste-nos o dever de saudar o leitor em particular e o público em geral... pião, bancadas e camarotes.

E' para eles que vamos escrever, com a graça e a tinta que Deus nos deu, umas linhas de prosa simples, sem pretensões a 1.ª prêmios da Academia — embora para isso nos sobrem erros de semântica e má ortografia!

Num País como o nosso em que, desportivamente falando, raras vezes se dizem as verdades, fazia falta quem as dissesse... a rir.

E é para preencher essa lacuna que aqui estamos de alma e coração com «A Risota», prontos para o que der e vier — mais para o que vier... porque dar é mais difícil...

Antes de ensaiarmos este mau passo, varremos a testada, tirando toda e qualquer poeira ou teia de aranha clubista; desinfectamos o juízo; lubrificamos o pensamento humano; comprámos uma caneta com tinta permanente; adquirimos papel, e, assim, senhores do nosso papel, bem equipados, descemos ao campo de jogos, prontos a desafiar todo o Mundo!

Só faltava o árbitro. E à falta doutro pior, parcial e ignorante, decidimos recorrer à arbitragem do leitor que, nestas lutas desportivas, ainda é o árbitro mais imparcial!

Debruçados na nossa janela com lindas vistas para o campo, admiramos agora o panorama multicolor do desporto nacional.

Lá está o verde do Sporting — embora o verde seja imprópriamente a cor dos leões —; o encarnado do Benfica, que lhe fica mesmo a matar; o azul e branco, às riscas, do Belenenses e do F. C. do Porto, respectivamente; o preto do Casa Pia e da Académica — um negro que não é igual ao preto da Casa Africana —; o branco, o amarelo... o cor de burro quando foge...

Com tanta variedade de cores, figurasse-nos que o Desporto Português é uma coisa do arco-da-velha!

Em Portugal, País retintamente vinícola, o Desporto não pode deixar de ser uma grande utilização.

Praticam-se todas as suas modalidades e, bem ou mal, as acções ficam com quem as pratica...

Desde os bancos da escola — que são os bancos de réus da infância — as crianças começam a fazer desporto, iniciando-se em movimentados campeonatos de berlimde,

PERFIS



Este jogador insigne, causando a todos espanto, faz que a gente se persigne:

— «Pai, Filho... Espirito Santo.»

do eixo, da malha e do pião, numa activa preparação dum desporto mais grávido e substancial.

Na maioria — para não dizer totalidade — os pequenos estudantes discutem a bola, e a bola é tudo para eles!

Podem não saber, por exemplo, que sete vezes nove são sessenta e três, o que foi fazer a Castela o Egas Moniz com sua mulher e filhos, que uma ilha é um espaço de terra cercado de água por todos os lados, e outros vários exemplos. Mas o que eles sabem — e ninguém os ensinou — é que o Espírito Santo é vermelho... um pouco escuro, que o Peyroteo é o avançado mais central do Sporting, que o Porto é o melhor do Mundo... e que a selecção nacional de futebol está a pedir óleo de fígado de bacalhau!

O futebol é, sem dúvida, a modalidade desportiva que mais adeptos tem em Portugal. No entanto, outras modalidades há que merecem menção honrosa na crónica inicial desta secção.

O hipismo, a nataçao, a esgrima, o ciclismo e o automobilismo são, depois do futebol, os desportos que mais público têm, e, entre eles, alguns há que têm dado à nossa terra honra e proveito — o que é uma honra para a família!

Porém aquele que, injustamente, menos tem brilhado é o da nataçao.

E dizemos injustamente porque, em nataçao, Portugal... nada!

Agora ficamos por aqui. Para «A Risota» já chega...

No próximo número iniciaremos uma série de reportagens que vão dar que pensar e que falar.

Zé do Pião

Uma noite mal passada (Continuação da página 4)

e invoquei as maiores dificuldades; não tive outro remédio senão envergar a minha velha casaca e acompanhá-lo...

Aconteceu, sem tirar nem pôr, o que eu receava!

Uma vez, na sala de baile, o meu amigo, estouvado e incerto, depois de me fazer companhia durante o tempo suficiente para despejar meia garrala de whisky, desapareceu entre a multidão, rebocado por uns olhos feiticeiros, e para ali me deixou, estúpido que nem uma ostra, a contemplar o divertimento dos outros...

Para fingir um á-vontade que me libertasse de olhares curiosos e escarninhos, fui, a pouco e pouco, despejando a outra metade da garrafa.

Quando acordei... até a orquestra já tinha desaparecido!

No lugar da garrafa, a conta referente à mesma; e, ao meu lado, correcto mas sonolento, o criado aguardava ordens, como quem diz: «Põe-te a andar!...»

Paguei, ergui-me com certo custo e, guiado pelo servidor, alcancei o balcão do bangaleiro, cuja empregada, de olhos inchados pelo sono, aceitou, com um suspiro de alívio, a chapa que lhe estendi.

— «Este sobretudo não é meu!» — recalcitrei, lembrando-me vagamente de que trouxera uma gabardine, recentemente comprada.

— «Não sei; — replicou a funcionária, com mau modo — Quando terminou o baile estabeleceu-se tal baralunda, que me não foi possível fazer o perfeito contróle das entregas. Este sobretudo e aquele chapéu são os dois únicos objectos que restam... Se quere levá-los, aqui os tem!

Senti ganas de fazer barulho, de protestar, de exigir uma indemnização; mas considerando que me encontrava em país estrangeiro, decidi calar-me e concordar com aquele negócio forçado...

Uma vez dentro do sobretudo, senti a falta das luvas, umas luvas preciosas, forradas interiormente de pêlo de coelho, que tinham gravado nos canhões o meu nome completo. Paciência! Lá foram numa das algeiras da gabardine... Quanto ao chapéu, como também não me pertencia, preferi deixá-lo e regressar a casa em cabelo.

Mal puz pés em terra firme, comeci a notar que era seguido por dois vultos embuçados... E quando me dispunha a entrar para o taxi que mandara parar, senti-me suavemente empurrado para um

canto do veículo, e vi que ao meu lado se sentava um desconhecido, enquanto um outro tomava o lugar contíguo ao motorista, dizendo-lhe com voz breve: «Governo Civil!»

Só dois dias depois, verificada a minha inocência, fui pôsto em liberdade...

O sobretudo, o maldito sobretudo, que me fizera passar por certo gatuno elegante, especialista em escamoteação de jóias, ficara em poder da policia. Que o levasse o diabo!... Não me deixava saudades...

E, ainda mal refeito de tantas e tão variadas comoções, dirigi-me a pé para casa, sem notar o efeito que despertava nos meus concidadãos a minha casaca engelhada, que conservava no corpo há três dias...

Quando dobrava a esquina da rua em que moro, vi passar um entéro, com grande acompanhamento.

À falta de chapéu, murmurei condoído: — «Paz à sua alma!»

E entrei em casa, sem que ninguém notasse o meu regresso.

O quarto estava arrumado, com um carinho pouco vulgar, e todos os meus ob-

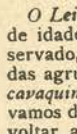
(Continua na página 7.)

As 3 pancadas de Molière

Personagens



O Electrocista da cena: tipo de quarenta anos, batido em «primeiras» e jornais. Não frequenta as caixas de Teatro, não suspirou por nenhuma «estrela», e é amigo de todos. Mfope, não tem os olhos tortos mas apenas um pouco de má língua.



O Leitor de «A Risota»: tipo de idade vária, muito bem conservado, desejo de espiaçar das agruras da vida, e que dá o cavaquinho (nós também o dávamos de boa vontade para não voltar a aparecer nas revistas do Macédo) por escandalos e boas piadas sangrentas.



O actor célebre, tipo conhecido, da Chic, do Café Lisboa, da Favorita ou do Café do Nicola. Agradece as referências dos críticos, elogiosas, e não liga importância, nem lê as críticas, quando lhe apontam defeitos.



O actor semi-célebre: tipo desconhecido do público, porque foi actor há 15 anos mas continua a representar muito bem o seu papel de... desempregado.



A actriz insigne: Senhora de idade... quasi média, mas muito bem conservada em água oxigenada. Acha que o Teatro está em decrepitude, desde que não faz ingénuas ou damas galas.



A popular vedeta: figura criada para servir (não confundir) o gosto alegre e folgasão do público. Usa pernas gordas, franja ou gordura, sendo o melhor indicio da sua celebridade a falta de voz.



O empregário: pessoa de formato variável, que perde sempre... mas gosta de perder porque é duma dedicação sem limites ao Teatro e aos artistas...



O autor: tipo único em quasi todas as peças; branco ou de cor, e que só serve para que todos digam mal dele... músicos, cenógrafos, còros, populares de ambos os sexos, parquistas, críticos, etc., etc.



A acção passa-se em Lisboa — Actualidade.

1.º Acto

O 1.º acto da peça... que vamos pregar semanalmente neste local, consiste em apresentar o nosso argumento. Conhecidos os artistas que ides ver figurar em «As 3 pancadas», fica nos o dever de expor a ordem do espectáculo e a sua orientação... cultural.

Neste lugar, o electricista da cena porá a funcionar os reguladores, iluminará a ribalta, fará os efeitos de luz, e narrará o mais curioso do que se passar em cena e fóra de cena.

Estas são



as luvas brancas com que puxamos os cordelinhos, de forma a que ninguém se ofenda com o espectáculo. Quando a genial artista não concordar com o nosso ponto de vista, não nos mandará o protector pedir satisfações, e o empregário que beliscamos não nos excomungará de entrar no paraiso estreito das coxias do seu Teatro... Fazer sorrir apenas, e não zangar, será o nosso desejo ao pôr a trabalhar as marionnetes da nossa pantomima teatral!

E se alguma vez a epiderme mais tenra dalguma celebridade da rua de Gomes Freire ou Rodrigues Sampaio, se sentir tocada pelo comentário jocoso — que o saiba generosamente desculpar. Também nós as desculpamos dos arrepios que às vezes nos causam.

INTERVALOS

Além das nossas críticas haverá, nos intervalos, anedotas, «gracinhas» de gente de teatro, entrevistas e, quando faltar o assunto, faremos como os noticiaristas dos jornais diários, quando não têm que escrever sobre Teatro: jogaremos o Xadrés, jôgo muito em moda, que mete reis e rainhas... de vaidade, torres... de marfim, bastantes cavalos, e onde os piões são sempre os comidos.

Vamos dar alguns exemplos de jogadas do Xadrés teatral!

— A Companhia Maria Matos prolonga a sua actuação no Teatro da Trindade devido ao sucesso da peça *A Fidalga de Arronches*.

— Devido ao sucesso da peça *A Fidalga de Arronches* a Companhia Maria Matos vai trabalhar para o *Avenida*.

— Por combinação entre os empregários



do *Teatro Avenida* e do *Trindade*, a Companhia Maria Matos já não vai trabalhar para aquele Teatro.

— Diz-se que uma Companhia que tem por titular uma artista de comédia, vai dar algumas representações da *Fidalga de Arronches* num Teatro que explora agora cinema mas vai voltar a Teatro...

— Vieram à nossa redacção os últimos vinte cinco espectadores do Teatro Português para averiguarmos onde se encontra presentemente a Companhia Maria Matos, porque desejavam assistir às representações da *Fidalga de Arronches*...

Este é o *Xadrés* da preparação para envaidecer os parceiros. Agora as jogadas de pôr em *Xêque*...

— Uma artista pequenina e morena, que ultimamente foi ao Brasil, considera-se a *rainha das revistas portuguesas*, tanto que já não anda... sem *batedor*. (Xêque à rainha).

— O actor Carlos Leal, o *rei* dos comêres de ha 20 anos, continua a ser muito felicitado pelas suas rúbricas filosóficas... (Xêque ao rei!).

— O Sindicato dos Artistas Dramáticos está tratando, junto do Ministro, da concorrência de cavalos como figurantes nas revistas nacionais: no *Olaré quem brinca* figurava um cavalo, no *E' real!* já há três cavalos. Na próxima revista de Alberto Barbosa parece que vai entrar um esquadro... (Xêque ao cavalo).

O Electrocista da Cena



Das vezes actriz, a Bi-atriz Vale por duas, vale até por quatro, pois foi bisada — o próprio nome o diz — na pia baptismal e no Teatro.

Dihreto

Uma noite mal passada (Continuação da página 6)

jectos de uso pessoal haviam desaparecido!

De súbito, os meus olhos foram atraídos por um rectângulo de papel branco, recentemente colocado num dos vidros da janela...

Que significava tudo aquilo?...

Foi então que se me deparou sobre a cómoda, ali esquecido, certamente, um exemplar do «Diário de Notícias», com a minha fotografia!...

Procurei a data: era da véspera... Com interesse fácil de calcular, devorei a longa coluna de prosa que me dizia respeito! E ainda conservo na memória, com nitidez prodigiosa, os seguintes passos do artigo:

«... e se não fossem as luvas que se encontraram numa das algibeiras da gabardine, luvas que, providencialmente, tinham o nome do seu proprietário, gravado a letras douradas nos canhões, teria sido completamente impossível estabelecer a identidade do desventurado!

O entêrro realiza-se amanhã, do Necrotério para...»

Deus do céu!... Momentos antes, tinha desejado a paz eterna... á minha própria alma!

José de Oliveira Cosme.



Azenha que já não mói...
Maldita a hoste vermelha
Que tão ingrata me foi!

.....
Sou Azaña e fui «Azelha»...
Eis o que muito me dói!

Arnaldo Ressano
Paris - 1938